

ZORAN ŽIVKOVIĆ

*As Quatro Mortes
e a Ressurreição de
Fiódor Mikhailovich*

Título original: *Четири смрти и једно
васкрсење Фјодора Михајловича*
Título: *As Quatro Mortes e a Ressurreição
de Fiódor Mikhailovich*
Autor: Zoran Živković

Copyright do texto © Zoran Živković, 2023
Copyright desta edição © Grupo Narrativa, 2025
Todos os direitos reservados

Tradução: Machado dos Santos
Revisão e paginação: Grupo Narrativa

1.ª edição: Fevereiro de 2025
ISBN: 978-989-8933-53-9
Depósito legal: 542229/25

Narrativa é uma chancela do Grupo Narrativa
gruponarrativa.pt

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio electrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informação, sem autorização por escrito da Editora.

ZORAN ŽIVKOVIĆ

*As Quatro Mortes
e a Ressurreição de
Fiódor Mikhaïlovich*

Tradução
(a partir da tradução inglesa de Randall A. Major)
Machado dos Santos

Narrativa

Dedicado a Zoran e a Slobodan,
a quem li este livro enquanto o
escrevia, aos sábados à tarde...

ÍNDICE

1. O Parque 9
2. O Vagão-Restaurante 29
3. O Gabinete da Psiquiatra 57
4. O Banho Turco 87

1.

O Parque

«Fiódor Mikhailovich! Fiódor Mikhailovich!»

À medida que me aproximava do candeeiro de rua, ouvia a voz de um homem a chamar por mim. Havia apenas uma réstia de luz envolvida pelo negrume que me rodeava.

A manhã não previa uma tal tempestade. Estava um dia fresco e soalheiro, e no céu limpo de Outono podiam vislumbrar-se algumas nuvens. Foi então que, ao início da tarde, se reuniram algumas nuvens negras. A tempestade chegou ao anoitecer: chovia e nevava em simultâneo e surgiu um nevoeiro. Não tardou a transformar-se numa autêntica tempestade de neve.

O vento uivava nas ruas desertas, elevando as águas negras do Fontanka acima do nível do ancoradouro e varrendo-as altivamente de encontro aos esguios candeeiros de rua do talude, que por sua vez imitavam o uivar do vento com um guincho fininho e estridente, o que resultava num concerto

interminável de chiados ruidosos deveras familiares aos habitantes de Petersburgo.

Empurrada pelo vento, a água da chuva caía numa posição quase horizontal. Entre o silêncio da noite, quebrado apenas pelo troar distante de carruagens, pelo uivo do vento e pelo chiar dos candeeiros, o estrondo da chuva a cair torrencialmente dos telhados, alpendres, caleiras e beirais que desabava nas calçadas de granito, tinha uma sonoridade lúgubre.

Não havia ninguém por perto, nem ao longe, nem parecia que pudesse haver. Eu próprio não me teria atrevido a sair de casa, não fosse um encontro inadiável que tinha marcado com um amigo na Rua Shestilavochnaia. Talvez o encontrasse amanhã, já sem vida. Estaquei à entrada do edifício com a vaga esperança de que uma carruagem pudesse passar por ali, e, de seguida, sem outra alternativa, parti a pé.

Percorri as ruas e vielas encharcadas enquanto segurava o guarda-chuva como se fosse um escudo, posicionado à minha frente, em vez de o segurar por cima da cabeça. Atravessava uma zona da cidade que me era familiar, rente às fachadas de casas e edifícios, para que não fosse necessário olhar em frente. Contudo, após cerca de meia hora, quando desemboquei num espaço amplo, apercebi-me de que teria sido melhor se tivesse

olhado em frente de vez em quando, através da cortina de água que o vento me atirava à cara. Acabei por ir parar a um parque que não era suposto de lá estar. Tinha-me obviamente enganado no caminho.

Não seria nada boa ideia retroceder através da neve enlameada, da chuva e do nevoeiro, mas qualquer outra opção levar-me-ia a desvios sinuosos. Baixei ainda mais o guarda-chuva e continuei. Fiquei imediatamente envolvido pelo nevoeiro. Até agora, tinha encontrado alguma iluminação pelo caminho. Conseguia vislumbrar os candeeiros, as luzes dos alpendres e de algumas janelas, no meio dos flocos de neve. No entanto, no parque não conseguia entrever a minha própria mão à frente do rosto.

Insisti com o maior cuidado, tentando descer pelo largo trilho. Após uma dúzia de passos, a uma certa distância, comecei a ver pontos de luzes aqui e ali. A princípio julguei que era da minha imaginação, mas, à medida que me aproximava, o pequeno ponto de luz tornou-se maior e mais brilhante, até que percebi que se tratava de uma espécie de lâmpada.

Na intersecção de dois trilhos que se cruzavam em ângulo recto, postava-se um candeeiro. Este formava um pequeno círculo de luz no chão, como

uma minúscula ilha no meio de um mar de águas turvas. O feixe em forma de cone da candeeiro a gás estava sarapintado de flocos de neves largos e retorcidos, que pareciam não ter fim.

Quando entrei no círculo, alguém chamou por mim repentinamente. Estremeci e virei-me subitamente para aquela que eu julgava ser a direcção da voz, mas, obviamente, não vi ninguém. Era como se uma parede opaca tivesse surgido do exterior do perímetro de luz.

Contudo, alguém saiu por detrás dessa parede. Era um homem um pouco baixo, mais velho, com um chapéu enfiado pela testa e com um sobretudo vestido. Tinha olhos pequenos por detrás dos seus reduzidos óculos redondos com armação de arame. Ele arquejava, como se tivesse vindo a correr.

«Fiódor Mikhailovich!», repetiu entusiasmado, e depois aproximou-se. Levou algum tempo a recuperar o fôlego. «Oh, que bom que o encontrei!»

«E quem é você?»

Ele ignorou a minha pergunta. «Já o encontrou?»

«Quem?»

«Já vi que não. Este maldito nevão está a arruinar a minha vida. Ouça, não deve afastar-se daqui. Por nenhuma razão! Isto é da maior importância. Há uma perturbação muito grande. Mesmo

grande! Vou continuar a procurar. Enquanto ainda há tempo.»

«Não percebo nada do que me está a dizer. De quem é que está à procura? Como é que sabe quem eu sou? E quem é você?»

«Agora, não tenho tempo para explicar. É importante que fique aqui. Se ele aparecer, você deve detê-lo. Custe o que custar. Você vai reconhecê-lo.»

Voltou-se, e desapareceu na neve em duas passadas.

Permaneci de pé, totalmente confuso, enquanto as questões rodopiavam na minha mente. A primeira questão – quem era este homem? – não era difícil de perceber. Era obviamente um polícia. Quem mais iria perseguir alguém desta forma, na escuridão do parque, com este tempo, não se encontrando, evidentemente, do lado errado da lei? Sim, mas que tipo de polícia? Não me parecia que fosse um polícia de giro. Eles enviam homens fardados para as perseguições, certamente mais novos que este senhor, que era, pelo menos, doze anos mais velho do que eu. Por isso, só pode ser da Terceira Secção. Isso significa que o que aconteceu foi mais importante do que um roubo banal, ou algo do género. A polícia secreta está principalmente interessada em transgressões políticas.

Estremeci só de pensar. Se algum género de crime político era suposto de ter lugar esta noite no parque, então estava com azar. Quem iria acreditar que estou aqui por acaso, porque me perdi na tempestade? E, agora, era demasiado tarde para desaparecer discretamente, porque já me tinham identificado. Foi por isso que o inspector não perdeu tempo comigo. O seu alvo era outra pessoa, e bastou-lhe dizer-me que não saísse daqui, pois sabia que não tenho como fugir. Iriam encontrar-me facilmente, onde quer que me escondesse.

Havia algumas coisas pouco esclarecedoras no que ele tinha dito tão rapidamente. Que tipo de perturbação muito grande estava em causa? A maior perturbação seria uma ameaça ao Imperador. Estaria ele em grande perigo neste preciso momento, porque, de outra forma, o que significaria «enquanto ainda há tempo»? E, se isso fosse verdade, porque é que o parque não estava repleto de homens da Terceira Secção, em vez de um inspector velho e ofegante a perseguir os conspiradores?

Na verdade, o que mais me preocupava era que ele estava convencido de que eu iria reconhecer a pessoa que ele procurava. Como é que iria reconhecê-lo? Não tinha nenhuma ligação com

anarquistas, ou revolucionários, que se atrevessem a atacar o Imperador. Não conhecia nenhum. A não ser – estremei novamente – alguém que esteja no meu círculo de amigos, e do qual eu não faça a mais pequena ideia que é um anarquista, ou um revolucionário secreto. Que tipo de surpresa me aguardava quando o apanhassem?

Nesse instante, pareceu-me que uma sombra deslizou no muro cinzento-escuro à minha frente, como se alguém se tivesse desviado um ou dois passos do círculo de luz. Podia bem ter sido uma ilusão causada pela neve pesada, soprada pelo vento. Ainda assim, olhei cuidadosamente para a frente e pus-me alerta. Passaram-se vários minutos. Mesmo que houvesse quaisquer sons em meu redor, seriam todos abafados pelo vento que uivava. Quando alguém falou a partir da escuridão, senti um tal tremor que pensei, tomado pelo pânico, que iria ter um ataque epilético.

«Boa noite», disse alguém com a minha voz.

«Boa noite», respondi, após uma longa hesitação, quando se tornou óbvio que não me podia mover. As minhas pernas desobedeciam-me, apesar de querer correr para fora da zona iluminada, para qualquer lado que me protegesse da escuridão da tempestade.

«Ele vai voltar em breve para saber se me viste.

**Outras obras do autor
no Grupo Narrativa**

COLECÇÃO ZORAN ŽIVKOVIĆ

ZORAN ŽIVKOVIĆ

A BIBLIOTECA

Tradução de
Machado dos Santos

Narrativa

COLECÇÃO ZORAN ŽIVKOVIĆ

ZORAN ŽIVKOVIĆ

O ESPAÇO BRANCO

Tradução de
Maria de Fátima Carmo

Um *thriller* de fantasia hilariante,
cativante e revelador.

«Um autor digno de um Nobel.»
Washington Post

Narrativa

**Descubra mais em
gruponarrativa.pt**